

## **EU DIGO, MAS SOU DITO: A RELAÇÃO DO INDIVÍDUO COM O SEU SISTEMA SOCIAL NA AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE**

Frederico Sidney Guimarães

Doutorado/UFF

Orientadora: Bethania Sampaio Corrêa Mariani

Uma simples ação de dizer é capaz de gerar tantas questões. Assim é possível compreender o desenvolvimento teórico da Análise do Discurso com bases iniciais nas ideias de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. As observações sobre enunciados, seus desdobramentos conjunturais e suas implicações tanto ideológicas como inconscientes fazem parte de um processo contínuo de revisão e retificações. A teoria acaba sendo teórica para ela mesma, por isso contempla a reflexão de Paul Henry acerca do instrumento pretendido nos primeiros textos de Pêcheux: “Os instrumentos científicos não são feitos para dar respostas, mas para colocar questões” (HENRY, 1997: 36). Está posta, então, a indicação de que as análises não encerram o assunto, e, no caso emblemático das ciências humanas, nunca se constitui uma verdade universal.

O jogo de significados exposto na contradição entre o dizer e ser dito, entre ser revoltado ao mesmo tempo em que é submetido, indica a tensão constante presente na relação do indivíduo<sup>i</sup> com o seu meio. A atenção nesse trabalho se volta para um dizer aparentemente sem importância, mas com uma significação histórica pertinente: “Professor, eu faço isso por ser viado (sic)<sup>ii</sup>”. O “isso” é referente a um comportamento gestual em que a pessoa chama atenção para si mesma. E o “viado” é um dos nomes designativos para os homossexuais.

Esse dizer expõe uma contradição inerente. Ao mesmo tempo em que há uma afirmação identitária, há também uma conformação dessa identidade estar atrelada a um comportamento indisciplinar. A revolta e a submissão em uma mesma enunciação demonstram a possibilidade do paradoxo como uma marca despreziosa na posição em que o falante enuncia. Não é intenção determinar a intenção dessa fala ou as origens de suas ideias. Ao colocar a teoria da Análise do Discurso como aporte teórico para

---

refletir sobre os efeitos de sentido da fala desse aluno, pretendemos ressaltar seus aspectos conjuntural, psicanalítico e discursivo.

A proposta de trabalhar com a contradição do enunciado se ancora no uso de conceitos teóricos das ciências sociais, da psicanálise e da teorização sobre discurso. Não pretendemos enquadrar totalmente as reflexões dessas ciências, mas as tratar com base em perspectivas conceituais que garantem a cientificidade dos argumentos presentes e contribuir com as pesquisas desenvolvidas na temática sobre discurso.

A relação do indivíduo com o seu sistema social na afirmação de identidade terá como base o processo de discursivização da homossexualidade. Sendo assim, temos como pressupostos: a atuação política dos Movimentos Sociais que militam pelos direitos dos gays; a questão teórica do discurso com suas implicações sobre a subjetivação dessa militância; e a contemplação da contradição como fator condicional de mudanças de valores e mentalidade.

### **A relação entre o discurso e o Movimento Social**

Essa parte concentra os argumentos nos aspectos mais conjunturais da ação do dizer. Para prosseguir, é preciso enfatizar o pressuposto pragmático com que esse trabalho entende a ação política. A posição pragmática é colocada como a fonte do *corpus* para a análise teórica do discurso. Uma ressalva necessária por conta da existência de teorias pragmáticas da fala<sup>iii</sup> que não fazem parte do viés analítico em questão nesse trabalho. O agir, a ação, o ato de dizer, no nosso caso, são vistos como o acontecimentos momentâneos, dentro de condições específicas que permitem um entendimento conjuntural mais amplo acerca das posições do sujeito na enunciação e dos efeitos de significação do enunciado. O discurso, então, não é o pragmático, é o objeto teórico que nos permite refletir sobre a ação do dizer.

Não há intenção de separar categoricamente o agir e o dizer. O que se coloca em questão é a delimitação teórica do entendimento sobre o conceito de Discurso e sobre a posição empírica em que se inserem as demandas políticas no momento de suas realizações. A questão nesse momento se volta para a atuação e organização das ações dos movimentos em defesa dos direitos dos homossexuais, usualmente conhecidos como “movimentos LGBT”<sup>iv</sup> (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros). Uma das

---

bases destacadas para a facilitação da assunção da identidade é a discursivização do tema da homossexualidade.

Esses movimentos afirmam e buscam o reconhecimento político de suas demandas assim como defendem alterações legislativas para garantir direitos para os gays exercerem comportamentos sociais como: constituir famílias, adotar filhos e expressarem suas emoções publicamente. Há várias formas do movimento LGBT se fazer presente no cenário político: campanhas em grandes passeatas; apoio às eleições de deputados e senadores como seus representantes; exigência de políticas públicas conscientizadoras em escolas e debates sobre a imagem estereotipada dos homossexuais em programas de comédia, novelas e teatro. As ações política coloca em pauta o “dispositivo da sexualidade”, numa inter-relação entre norma, dizer, controlar, fazer.

Ao implementar tais eventos, o movimento cria discursos<sup>v</sup>, que pode ser corpus de análises quantitativas, conteudistas ou semióticas. No caso proposto nesse trabalho, não se trata exatamente da origem dos discursos ou de suas intenções. A questão é como tais iniciativas, tanto políticas como discursivas, fazem parte de um jogo constituinte e ao mesmo constituído de suas respectivas conjunturas. Esse jogo irá depender de determinações que vão além da vontade de dizer e de agir, determinações essas presentes num imaginário social que contribui sobre entendimentos e princípios de liberdade, de religiosidade e de moralidade. Ao discursivisar os temas sobre a homossexualidade, o Movimento Social LGBT amplia a memória discursiva (INDURSKY, 2011) capaz de alimentar novas cristalizações de significados no senso comum.

Por esse motivo, é possível criar um diálogo sobre a relação entre o significante e o significado desenvolvido na psicanálise. A inserção e a relação do sujeito nesse meio caracteriza sua postura perante certos significantes. Gay, assunção, aceitação, compreensão. Quantas outras tantas palavras tomam sentido de acordo com o tipo de identificação que o sujeito fará com cada uma delas? Não se trata de escolha, nem de controle da intenção do dizer. O papel do significante no posicionamento do sujeito em seu discurso diz respeito à relação contraditória e incompleta estabelecida nas redes de significações. A visão de entender o discurso “como uma cadeia temporal significante” (LACAN, 2008: 183) nos permite pensar o momento da enunciação e seu histórico de determinações. Entre o dizer e a compreensão desse dizer há a falta do dizer, por isso as

---

contradições, incoerências e mal entendidos. A situação tende a ficar mais tensa com a entrada de cada vez mais novos significantes na conjuntura discursiva.

Esses novos significantes não somente alimentam as tensões nos sujeitos em suas atividades cotidianas, como também proliferam as visões interpretativas daqueles que se propõem a teorizar sobre algo. Ou seja, além de estar presente na fala contraditória de um aluno que se assume gay e, ao mesmo tempo, se coloca naturalmente indisciplinado, também alimenta os entendimentos teóricos sobre a atual conjuntura e as definições do tipo de ação política possível.

Assim, o próprio conceito de ação do movimento social ganham novas conotações. Com a diversidade de atores envolvidos e efeitos de sentidos, há a possibilidade de ver o papel dos Movimentos Sociais para além da ação política. A inserção da noção teórica do discurso contempla a visão da dimensão “latente” (GOHN, 1997) distinta da dimensão “manifesta” das ações políticas. Enquanto as ações manifestas estão mais na verificação imediata, empírica e visível dos movimentos, como os protestos e campanhas, a dimensão latente pode ser observada nos “bastidores”, no desenrolar das ideias no cotidiano, na transcendentalidade do pensamento.

A teoria do discurso, então, tanto contribui para a percepção desse caráter latente como também é aproveitada para estabelecer um diálogo entre as concepções teóricas sobre o discurso e movimento social. Ao tratar o discurso como conceito teórico, a observação privilegia um viés reflexivo, e não descritivo da coisa. Da mesma forma, ao destacar o desenrolar das ideias nas ações dos movimentos sociais, a teoria sociológica se desenvolve em observações não pautadas em fatos concretos ou inquestionáveis (como uma greve e seu desfecho, a composição social dos grevistas, a posição da diretoria das empresas). Nesse caso, questões importantes para a teoria do discurso, como a ideologia e o inconsciente, ganham destaque.

A ideologia, através dos princípios do materialismo histórico, contribui para o entendimento das formas como o sujeito interage com a conjuntura à qual pertence. Ela faz parte tanto para a subjetivação do indivíduo como para as possibilidades de resistência dos sujeitos, através das falhas e equívocos do sistema (ORLANDI, 2001).

O inconsciente, em adição a ideologia, contribui para as interpretações psicanalíticas dos mesmos sujeitos submetidos às querelas ideológicas. Nesse ponto, a noção da direção dos discursos pelo inconsciente, estruturado como linguagem segundo

---

termos lacanianos, contribui para a interação dos sujeitos com a língua. Essa interação se efetua através das falhas, ausências e incompletude do significante. A estrutura da então “cadeia significante” permite o expressar algo diferente daquilo que a língua diz (MARIANI e MAGALHÃES, 2013). O aluno não necessariamente disse algo que não queria dizer, mas fez uma significação pertinente sobre: o momento histórico da militância homossexual; e o quadro geral sobre valores sociais envolvidos nesse tema.

A partir dessa noção do uso do inconsciente e da ideologia, vamos abordar o aspecto do dizer e do ser dito na fala do aluno.

### **Performatividade: o limite da norma**

A consideração básica da nossa noção sobre o ato de dizer condiz com a visão psicanalítica de que ao dizer, o sujeito se insere numa relação conflituosa consigo mesmo. Entra em jogo uma relação de percepção de si associada a uma imagem prévia colocada para si. Além disso, essa percepção e essa imagem estão em conjunto com o seu meio. A abordagem conflituosa exposta parte dos pressupostos lacanianos da relação entre o Eu, o seu outro imaginado, o seu outro simbolizado e o Grande Outro (LACAN, 2008). O Grande Outro é entendido nesse trabalho como toda conjuntura histórica e social envolvida.

O aluno, ao se assumir gay e associar sua condição homossexual atrelada a uma condição natural de causar perturbação, faz um sentido demonstrativo entre o que ele diz ser e a imagem daquilo que ele *acha* que é. A observação feita destaca a possibilidade da dúvida ao utilizar o termo “acha”, pois é considerado que sua condição de enunciar perpassa uma determinação sobre aquilo que deve ser enunciado. Não enfatizamos aqui a dúvida como algo consciente.

Ao inserir a enunciação no jogo do significante em termos laciano, podemos aproveitar o conceito de “performatividade” (BUTLER, 1990). O aluno ao falar, não deixa de estar dentro de um ato performativo, cumprindo de alguma maneira seu papel no jogo social. A noção da performatividade se torna pertinente pela sua inserção no jogo de significantes presentes na própria teoria.

O conceito foi criado no contexto de crítica das ações políticas de feministas e também crítica ao modelo de ver o gênero como algo puramente construído. A performatividade se efetiva entre a noção essencial e a noção construcionista do gênero.

---

A questão é o papel da normatividade social na ação do indivíduo. O ato performativo não seria um ato singular e faz da performatividade uma forma de reiterar um conjunto de normas através da dissimulação de convenções por causa de sua aparente expressividade reflexiva do sujeito sobre si mesmo

O “faço isso por ser assim” é entendido nesse trabalho como um ato performativo nas concepções de Butler. Essa concepção corrobora a própria crítica às noções construcionistas através de seus limites e exclusões. O problema do essencialismo – determinismo biológico ou natural – é simplificar e generalizar as ações como naturalmente cristalizadas. Ao essencializar uma maneira de agir, fica permitindo naturalizar também a concepção moral. Isso leva as afirmações históricas que associam o ser a um tipo de comportamento específico: gay = promiscuidade.

Por outro lado, o construcionismo exclui o próprio corpo da conceituação do gênero e da sexualidade da pessoa. Se tudo é feito através das condições históricas e sociais, o gay é tratado apenas como algo historicamente construído. A proposta questiona os binarismos envolvendo os sexos. A ênfase no processo normativo e não em marcações pré-concebidas (imposições teóricas e uso de significados atrelados a significantes) faz parte da estratégia de desconstruir binarismos (natural /cultura e corpo /mente) e contribui para evitar as cristalizações categóricas voltadas para as diferenças entre gêneros e os comportamentos a eles atrelados muitas vezes de forma negativa entre os próprios homossexuais.<sup>vi</sup>

A feição inteligível da expressão corporal cristalizada pelas normas de gênero e sexualidade serve para demonstrar, por exemplo, o quanto o sujeito ao enunciar “faço isso por ser assim”, ao se intitular naturalmente destinado a ser ofensivo e desrespeitoso, faz parte de um complexo jogo de significações, tanto estigmatizadoras como revolucionárias.

Não queremos colocar o sujeito apenas como parte restrita das determinações de seu inconsciente ou da ideologia. O seu dizer faz parte tanto do jogo de significações como também alimenta uma tendência geral capaz de reiterar mudanças de práticas sociais. Na parte seguinte desse trabalho, trataremos da relação do dizer com a questão do hábito.

## **Da revolta para a afirmação de uma identidade**

---

O papel de revolta e submissão presente no enunciado em análise, faz parte também de um momento histórico que envolve tanto a militância política dos movimentos sociais em defesa dos gays como também do incremento da aceitabilidade social dessa militância. O político, nesse caso, além do pragmático de sua ação, adquire a feição de influenciar a mudança de hábitos e valores sociais.

Os trâmites das mudanças de significados e alterações de valores se efetuam através de um *continuum* conjuntural, podendo variar uma tendência conservadora com tendência liberal. A Análise do Discurso é uma forma de perceber essa variação, principalmente quando se escolhe aspectos não institucionais da representação de grupos ou categorias estigmatizadas, pois as consagrações do fato cotidiano são efetivadas através da esfera não institucional. Essa afirmação não nega a importância da esfera institucionalizada, o que permite uma visão que considere a junção entre a dimensão “latente” e a dimensão “manifesta” das ações.

A publicação de textos e discussões no perfil da rede social *facebook* do grupo “todos contra a homofobia, lesbofobia e transfobia” remete a essa caráter não institucional do movimento LGBT e demonstra as repercussões de temas debatidos nos meios sociais. Assim se torna exemplificável aspectos das relações de poder, simbologias culturais, padrões performativos e capacidades subversivas nas marcações de identidades e estilizações materializadas no corpo e no comportamento individual.

No dia 05 de fevereiro, foi postado por um dos componentes do grupo uma reflexão acerca da coragem em se assumir transexual, *drag queen*, afeminados e travestis:

O mundo dos padrões. Engraçado quando escutamos as pessoas ditando qual deve ser a postura dos gays na sociedade. Até quando se é gay você tem que ser o “MACHO ALFA” para ser aceito. Os afeminados, travestis, transexuais, drag queens vivem à margem da sociedade que impõe um comportamento social e afirma: ‘você pode até ser gay, mas não precisa ser assim’. É necessário refletir sobre nosso discurso e compreender que cada ser humano tem a liberdade de ser da maneira que deseja e se identifica, baseado em seu conceito de felicidade e realização. Dedico esse comentário aos que tem coragem.<sup>vii</sup>

Mesmo considerando a falta de especificar as origens mais detalhadas dessa postagem, a discussão sobre as normas e estigmas sociais presentes na dificuldade da assunção da identidade gay e, principalmente, na identidade gay afeminada é recorrente

---

e transpassa a constatação da aceitabilidade ou não de tais identidades. Em alguns casos mais aceitos, como em festividades carnavalescas, estereótipos de comediantes e demais acontecimentos lúdicos. Em outros mais reprimidos, considerando os casos de agressões, repressões comportamentais, acessibilidade de emprego, por exemplo. Esses casos demonstram o quanto é variável a imposição dos valores sociais sobre a expressividade homossexual. Aspectos referentes à ênfase da masculinidade, ao se tratar do gênero masculino, subentende uma pressão para impor o padrão assimilante<sup>viii</sup> na postura política dos movimentos LGBT. Esse detalhe, como demonstra o discurso entre os representados pelo movimento, encontra resistência e caminha para a militância favorável ao respeito mútuo das diversas expressões da sexualidade. Uma disputa de significações e relações de poder entre o conservadorismo e a subversão dos valores sociais.

Apesar de parecer uma batalha indissociável entre aceitação e negação, a alteração dos padrões tradicionais dialoga e tende a concessões, dependendo do peso das consagrações dos aspectos subversivos desses valores. O exemplo disso são as possíveis condições discursivas para alteração da norma: “você pode até ser gay, mas não precisa ser assim”. Ou seja: só será aceito se for de uma maneira específica. Essa “maneira específica”, portanto, não é cristalizada e acompanha as mudanças de valores e comportamentos.

### **Efeitos de conclusão**

O discurso demonstra a tensão da relação do sujeito com seu meio. Entre ser assujeitado pela ideologia e estar em conflito pelo seu próprio inconsciente, o sujeito faz parte da tensão inerente do convívio em que se está submetido. A afirmação da identidade, nesse caso, se torna uma atividade fragilizada por conta das condições paradoxais de sujeição e rejeição.

Mesmo considerada como parte do real da história (PÊCHEUX, 2009), a identidade não deixa de passar pelo processo de subjetivação ao ser reivindicada politicamente ou discursivizada em ações latentes dos movimentos sociais. A militância e a propagação dos sentidos dessa militância alimentam os efeitos de significação tanto ideologicamente como inconscientemente. Desta forma, esses efeitos se tornam materiais tanto para a teoria da Análise do Discurso como também faz parte do processo



---

de alteração de hábitos sociais, mesmo que essa alteração se dê fora do controle da ação política por conta da sua limitação à práxis empírica.

O processo de subjetivação, entendido como tornar o indivíduo em sujeito (ORLANDI, 2001), ressalta os limites da capacidade de categorizar as identidades. As afirmações locucionárias não deixam de estar contidas em todo esquema de determinações e falhas estruturais tanto da linguagem como do inconsciente, com constantes alterações e tangenciando os limites das categorizações.

Desta forma, o dizer inclui o ser dito. A identidade não só faz parte de afirmação de um grupo como também não garante a eliminação da noção pejorativa desse grupo. Além disso, o pejorativo acaba fazendo parte do próprio processo da definição que o sujeito faz de si mesmo quando está vinculado à cadeia significativa predisposta para tal significação.

## Referências

ARENDRT, H. *A condição humana*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

BUTLER, J. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

COURTINE, JJ. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

DELA SILVA, S. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. Tese. (Doutorado em Linguística) Campinas: Unicamp, 2008.

FACCHINI, R. *“Sopa de letrinhas”? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo*. Campinas, 2002. 243f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - IFCH, Unicamp.

\_\_\_\_\_. *Entre umas e outras – Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Campinas, 2008. 323f. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) – IFCH, Unicamp, 2008.

---

GUIMARÃES, C. D. *O Homossexualismo visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamont, 2004.

FRY, Peter. Por que o Brasil é diferente?. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, Ano 11, n 31, junho de 1996.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: 1 – Vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOHN, M G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

GUIMARÃES, F S. *Mulheres da vida, da casa e do trabalho: memória da luta pelos direitos sociais e trabalhistas das prostitutas no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) Rio de Janeiro: Unirio, 2008.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da ‘Análise Automática do Discurso’ de Michel Pêcheux. In: GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

INDURSKY, F. *A memória na cena do discurso*. In: “Memória e história na/da análise do discurso”. Campinas, Mercado das letras, 2011.

LACAN, J. *O seminário: livro 3, as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARIANI, B e MAGALHÃES, Belmira. Lacan. In: OLIVERIA, Luciano Amaral. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola editorial, 2013.

MARIANI, B S C. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Tese. (Doutorado em Linguística) Campinas: Unicamp, 1996.

ORLANDI, E. Do sujeito na história e no simbólico. In *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. O estranho espelho da Análise do Discurso. Prefácio. In: Courtine, JJ. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 2006.

SILVA. A. S. Marchando pelo Arco Íris da Política: *A Parada do Orgulho LGBT na Construção da Consciência Coletiva dos Movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) São Paulo: PUC-SP, 2006.

---

<sup>i</sup> O uso do termo indivíduo se refere ao corpo, ao ser biológico presente em um meio. Ainda não se coloca em questão o conceito de “sujeito”.

<sup>ii</sup> Fala de um aluno em sala de aula, respondendo ao professor que o chama atenção pelo comportamento prejudicial ao andamento de uma explicação rotineira.

<sup>iii</sup> Como exemplo os “atos de fala”.

<sup>iv</sup> Não posso ignorar a diversidade existente entre os grupos que se propõem a defender interesses dos homossexuais. A própria sigla genérica “LGBT” é tema de debates internos, assim como a questão das representatividades dos movimentos. A opção por usar denomina-los de “movimento LGBT” da usual referência encontrada em mídias.

<sup>v</sup> O uso do plural diz respeito a noção empírica.

<sup>vi</sup> Como as formas pejorativas de se referir às performatividades afeminadas.

<sup>vii</sup> <https://www.facebook.com/groups/tchlt/permalink/578057205618715/>

<sup>viii</sup> A necessidade do homossexual se comportar dentro dos padrões da cultura heterossexual, machista e cristã.